

 **DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO**

Preparado pelo Comitê do DMO da Palestina

1º de março de 2024

“Suplico-vos... Suportai-vos uns aos outros em amor”

Informações da Palestina

A) Informações básicas

Este material foi elaborado pelas mulheres cristãs ecumênicas da Palestina para o Dia Mundial de Oração. Trabalhamos coletivamente para informar, orar e agir com o resto do mundo em 2024, a fim de viver de acordo com o tema: **“Suplico-vos... suportai-vos uns aos outros em amor.”**

Quem de vocês não ouviu sobre este pequeno lugar no Oriente Médio, que por mais de 3.000 anos tem sido importante para três religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo?

Porém, a região é muito mais antiga e tem tido muitos nomes, dependendo das muitas tribos que se instalaram em diferentes épocas nesta terra. Foi ocupada por uma série de civilizações e povos devido à sua posição estratégica como uma encruzilhada para três continentes: Ásia, África e Europa.

B) História

A região testemunhou a invasão de vários povos ao longo de sua história, incluindo os assírios (século 8 aC), babilônios (cerca de 601 aC), persas (539 aC), gregos (330 aC) e romanos (63 aC). Jesus nasceu durante esta era de domínio romano e foi crucificado por uma aliança profana entre autoridades políticas e religiosas.

No ano 70 da era atual, o Segundo Templo Judaico foi destruído pelo Império Romano. Durante o século IV, a mãe do imperador romano Constantino, Helena, veio para a Palestina e se converteu ao Cristianismo. Constantino seguiu a conversão de sua mãe, tornando o Cristianismo a religião do Império Romano. No século 7, os muçulmanos conquistaram a Palestina, seguidos pelas Cruzadas, egípcios e mongóis. No século 16, o Império Otomano invadiu e governou a região até o final da Primeira Guerra Mundial.

No meio da Primeira Guerra Mundial, uma carta foi enviada pelo Lord Arthur James Balfour (Secretário de Relações Exteriores britânico) para Lionel Walter Rothschild (um líder da comunidade Anglo-Judaica). Esta carta ficou conhecida como a Declaração Balfour de 1917, e declarou o consentimento britânico para um 'lar nacional' para os

judeus na Palestina. No entanto, a carta afirmava claramente que os direitos das comunidades não-judaicas na Palestina deveriam ser respeitados.

Ministério das Relações Exteriores, 2 de novembro de 1917

Prezado Lord Rothschild,

Tenho muito prazer em transmitir-lhe, em nome do Governo de Sua Majestade, a seguinte declaração de simpatia pelas aspirações sionistas judaicas, que foi submetida e aprovada pelo Gabinete:

“O Governo de Sua Majestade vê com bons olhos o estabelecimento na Palestina de um lar nacional para o povo judeu, e usará seus melhores esforços para facilitar a realização deste objetivo, sendo claramente entendido que nada deve ser feito que possa prejudicar as relações civis e religiosas, direitos das comunidades não-judaicas existentes na Palestina, ou os direitos e status políticos desfrutados pelos judeus em qualquer outro país”.

Eu ficaria grato se você levasse esta declaração ao conhecimento da Federação Sionista.

Arthur James Balfour

Com o fim da Primeira Guerra Mundial em 1918, o Império Otomano foi derrotado e o Oriente Médio foi dividido entre britânicos e franceses. O Mandato Britânico governou a Palestina e a Jordânia de 1923 a 1948. Durante este período, muitos cristãos europeus apoiaram a imigração do povo judeu para a Palestina, chamando-a de “terra prometida” dada a eles por Deus. Os britânicos deram terras que não possuíam a um povo que não tinha terra, alegando que a Palestina era uma terra estéril sem pessoas morando lá. No entanto, a Palestina era uma rica região agrícola, já a terra do “leite e mel”, e um conjunto diversificado de tribos já vivia lá.

O apoio à criação de uma pátria para os judeus na Palestina aumentou após o fim da Segunda Guerra Mundial, em grande parte por causa do Holocausto. Quando os britânicos anunciaram que estavam saindo, as Nações Unidas adotaram o Plano de Partilha de 1947, a Assembleia Geral da ONU adotou a Resolução 181, que pedia a criação de 2 estados independentes (Palestina e Israel), bem como um status internacional especial para a cidade de Jerusalém. Embora a ONU tenha falado em dois estados, até hoje não existe nenhum estado palestino soberano.

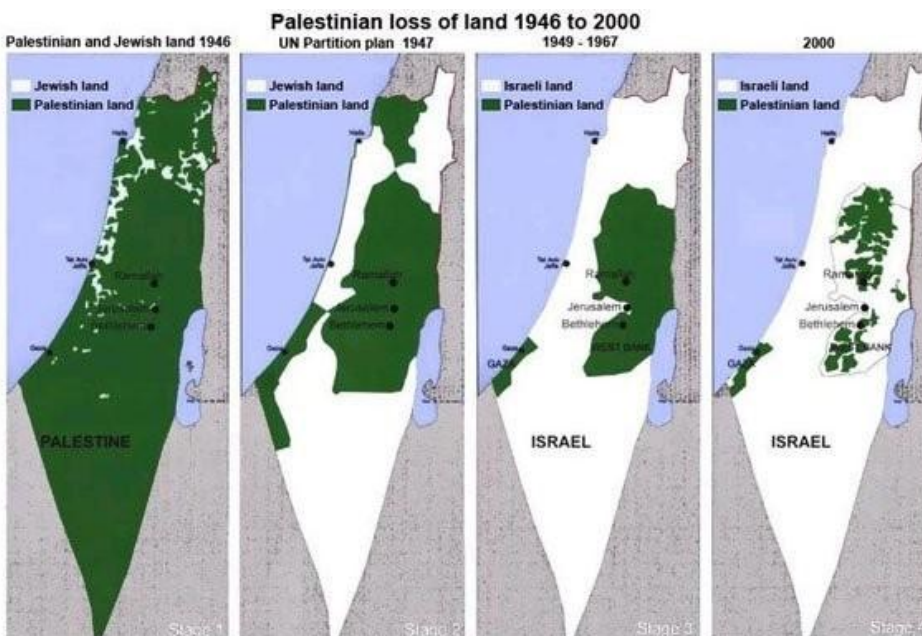
Em 15 de maio de 1948, foi criado o Estado de Israel, dia que os palestinos chamam de Nakba, ou a catástrofe. Entre 1947 e 1949, pelo menos 750.000 palestinos foram expulsos de suas casas. As forças sionistas assumiram o controle de 78% da Palestina histórica, destruíram 530 vilas e cidades e mataram cerca de 15.000 palestinos em uma série de atrocidades em massa, incluindo mais de 70 massacres.

De 1948 a 1967, a Cisjordânia e Jerusalém Oriental foram colocadas sob o domínio da Jordânia, e Gaza sob o domínio do Egito, até que outra solução fosse encontrada. Os palestinos receberam um passaporte da Jordânia, mas não receberam a cidadania plena.

As tensões entre Israel e seus vizinhos aumentaram e, em junho de 1967, Israel lançou um ataque preventivo. O impacto dessa Guerra dos Seis Dias foi dramático e os efeitos

ainda sentidos hoje. Os palestinos chamam essa guerra de Naksa, ou o “revés”. Em apenas seis dias, os militares israelenses tomaram o Sinai e as colinas de Golã, bem como ocuparam Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Gaza.

Os 4 mapas abaixo mostram a perda de terras palestinas de 1946-2000.



Em 1988, a Palestina proclamou sua independência apenas nas terras que Israel ocupava desde 1967. Pelo bem da paz, os palestinos concordaram em viver em apenas 22% de suas terras originais. Em 31 de julho de 2019, 138 dos 193 estados membros das Nações Unidas reconheceram a Palestina como um Estado, e a bandeira palestina agora tremula nas Nações Unidas.

A) Locais Bíblicos

Quando falamos sobre a Palestina histórica, estamos falando de partes que se tornaram conhecidas como Cisjordânia, Gaza e Israel. A Palestina histórica inclui Belém (onde Jesus nasceu), Nazaré (onde Jesus passou sua infância), o rio Jordão (onde Jesus foi batizado) e Jerusalém (onde Jesus foi crucificado e ressuscitou dos mortos). O Mar Mediterrâneo fica a oeste da histórica Palestina, onde Paulo e os Apóstolos viajaram em ações missionárias para divulgar as boas novas de Jesus Cristo.

B) Palestina – Gaza e Cisjordânia

Gaza:

A Faixa de Gaza, ou simplesmente Gaza, está localizada na costa leste do Mar Mediterrâneo, fazendo fronteira com o Egito e Israel. Gaza está sitiada e totalmente isolada pelo Estado de Israel desde 2006. A área total de Gaza é de 365 quilômetros quadrados (141 milhas quadradas), com mais de 2 milhões de habitantes. Isso faz de Gaza a terceira área mais densamente povoada do mundo. As crianças representam mais de 47% da população de Gaza, tornando a crise em Gaza particularmente urgente de uma solução.

Em 2005, Israel desmantelou seus assentamentos em Gaza e retirou seus militares, declarando o fim da ocupação de Gaza. No entanto, Israel continuou a controlar quase todas as passagens de fronteira terrestre, bem como o mar e o espaço aéreo de Gaza. Israel impôs severas restrições ao movimento de bens e pessoas para dentro e fora de Gaza. Isso devastou a economia, causando uma recessão profunda que forçou os habitantes de Gaza a condições de vida desumanas.

Israel realizou 4 ataques militares contra Gaza desde 2008-9, que prejudicou desproporcionalmente os palestinos. Durante esses ataques, aproximadamente 4.000 palestinos e 100 israelenses foram mortos. Apesar desse trauma, os moradores de Gaza continuam a demonstrar que não têm apenas uma forte vontade de sobreviver, mas também de ter educação superior, ter iniciativas artísticas e culturais criativas e esforços agrícolas.

Embora existam menos de um mil cristãos em Gaza, há um forte sentimento de pertença ecumênica e de serviço a toda a comunidade. Os cristãos de Gaza pertencem às Igrejas Ortodoxa, Católica Apostólica Romana e Protestante. E o principal hospital de Gaza, al Ahli, está sob a supervisão da Igreja Anglicana no Oriente Médio.

Cisjordânia:

Em 1967, quando Israel ocupou os territórios palestinos, as potências ocidentais chamaram a região de Cisjordânia, porque ficava na margem oeste do Rio Jordão. Após os Acordos de Oslo de 1993-1995, a Cisjordânia foi dividida em Áreas A, B e C. Os Acordos de Oslo foram concebidos como um acordo transitório, não superior a 5 anos. A Autoridade Palestina foi formada em 1994 e recebeu controle civil parcial sobre as Áreas A e B. Infelizmente, como resultado dos Acordos de Oslo, Israel mantém o controle sobre o ar, a terra, as fronteiras e a economia. Hoje, a Autoridade Palestina, com sede em Ramallah, é a capital prática, com sedes do governo e prédios do Parlamento.

O mapa abaixo mostra as Áreas A, B e C. Um dos desafios diários que os palestinos enfrentam é a restrição de movimento em sua própria terra. Para viajar entre qualquer uma das áreas da Cisjordânia, os palestinos devem passar por postos de controle. Esses postos de controle tornam a vida incrivelmente difícil para os palestinos chegarem à escola, ao trabalho, a locais religiosos, a consultas médicas ou para visitar

a família. As longas filas e horas perdidas nos postos de controle são incapacitantes e fazem com que muitos palestinos percam a esperança e considerem emigrar do país, se possível.

Outro aspecto da vida na Cisjordânia é a presença de assentamentos israelenses ilegais. Existem aproximadamente 250 assentamentos, com aproximadamente 700.000 colonos judeus, espalhados por toda a Cisjordânia, principalmente na Área C. Um terço dos assentamentos está em Jerusalém Oriental. Esses assentamentos são todos ilegais de acordo com o Direito Internacional, conforme declarado na Quarta Convenção de Genebra.

Oslo II Map
Outlining Areas A, B, and C



A) População

Estima-se que existam mais de 5 milhões de palestinos vivendo hoje na Palestina e em Israel. 2% desses palestinos são cristãos, em meio a uma maioria de muçulmanos palestinos. O número total de palestinos em todo o mundo chega a mais de 12 milhões em países como Estados Unidos, Canadá, Brasil, Chile e Honduras.

B) Cristianismo

A Igreja na Palestina é uma Igreja viva com uma missão e vocação especiais. É rica em sua herança e pluralista em tradições. Na terra de onde o cristianismo se espalhou e diferentes denominações foram formadas, pode-se encontrar todas as formas de igrejas Ortodoxas, Católicas e Protestantes.

Jerusalém é a sede de 13 igrejas historicamente reconhecidas na Terra Santa e além. 75% dos cristãos palestinos são da Igreja Ortodoxa Grega. As outras igrejas são: Igreja Apostólica Armênia, Igreja Católica Romana (Latina), Igreja Greco-Católica Melquita, Igreja Ortodoxa Assíria, Igreja Católica Assíria, Igreja Católica Armênia, Igreja Anglicana, Igreja Luterana, Igreja Copta, a Igreja Etíope, os Guardiões Franciscanos da Terra Santa e a Igreja Maronita. Há também uma presença Batista, Presbiteriana e Metodista Unida na Palestina.

Os cristãos na Palestina têm trabalhado para desenvolver um espírito ecumênico. Este espírito ecumênico não garante uma total ausência de disputas de poder entre algumas das igrejas, mas elas têm levado a mensagem da Ressurreição de Jesus ininterruptamente por dois mil anos. Desde a década de 1980, há uma reunião mensal de todos os dirigentes, ou representantes, para discutir preocupações comuns, queixas e posições a serem tomadas. Além disso, os cristãos têm realizado cultos ecumênicos conjuntos e emitido declarações ocasionais. O Escritório Intereclesiástico de Jerusalém é um projeto conjunto das Igrejas em Jerusalém, o Conselho Mundial de Igrejas (WCC) e o Conselho de Igrejas do Oriente Médio (MECC). Este escritório ajuda a coordenar e fortalecer as relações ecumênicas.

O Dia Mundial de Oração também incorpora esse espírito ecumênico entre as mulheres da Palestina. O culto anual do Dia Mundial de Oração é celebrado em uma Igreja diferente a cada ano. O Comitê Nacional do Dia Mundial de Oração na Palestina colabora com uma variedade de organizações relacionadas à igreja, como YWCA, YMCA, Kairos Palestine, Sabeel Teologia da Libertação Ecumênica, Al Liqa, Missão Pontifícia, Dar el Kalima, Colégio Bíblico de Belém, a Comissão de Justiça e Paz e a Pax Christi International.

Os cristãos na Palestina continuamente obtêm coragem de uma fé profundamente enraizada. Eles se esforçam para viver a mensagem de Jesus Cristo, que proclamou igualdade, justiça e perdão para todos.

C) Artes e Cultura

As artes e a cultura são cruciais para manter o espírito das pessoas forte e vibrante. A criatividade mostra que não importa o quão desesperado você esteja, você ainda pode dançar, pintar, escrever e fazer música. As artes ajudam as pessoas a continuar vivendo com esperança.

As artes e a cultura também mantêm viva a herança e a memória palestina. Poesia, artes plásticas, bordados, dabkeh (dança folclórica tradicional), teatro e cinema retratam a vida palestina. Isso afirma que o que os palestinos estão experimentando é real, seja alegria ou dor. As artes também permitem que os palestinos compartilhem quem são com as pessoas de outros países ao redor do mundo.

As artes também têm permitido que os palestinos participem de competições em todo o mundo. Os jovens têm ganhado numerosos prêmios, dando-lhes um senso de valor e propósito.

D) Agricultura

Os palestinos têm cultivado, semeado, plantado e colhido na terra do leite e do mel. Eles têm trabalhado grandes e pequenos lotes de terra, incluindo jardins e pomares. Ervas, temperos, frutas e verduras ajudam a alimentar a família e os amigos. As mulheres palestinas constituem a maioria dos que trabalham na agricultura.

Sob a ocupação israelense, muitos agricultores tiveram o acesso negado aos seus campos e as oliveiras foram arrancadas. A oliveira é um símbolo de raízes profundas, longevidade e um meio de vida sustentável. Por esta razão, usamos a oliveira como símbolo em todo o nosso culto. As azeitonas e o azeite têm sido utilizados ao longo da história da nossa região para fins medicinais, cozinha saudável e para abençoar a testa das pessoas.

Outra planta da Palestina é o cactus, originário da América Latina, mas que se tornou um elemento indissociável da Palestina. Sebes e cercas naturais foram plantadas para marcar casas e bairros. Mesmo após a destruição de mais de 400 aldeias em 1948, o cactus sobreviveu para testemunhar a situação de seus habitantes. Este cactus, chamado de “pera espinhosa”, dá frutos deliciosos.

Em algumas regiões da Palestina, também é possível encontrar árvores que produzem amêndoas, abacates, castanhas e frutas cítricas, como laranjas, toranjas e pomelos.

E) O papel das mulheres

Há uma percepção/crença em todo o mundo de que as mulheres na região do Oriente Médio são passivas, silenciosas e não-influentes. No entanto, o papel das mulheres na Palestina (tanto historicamente quanto nos tempos modernos) é ativo e influente. As mulheres palestinas são firmes, fortes e corajosas. Elas são ativas no cultivo da terra. Quando seus maridos são presos ou mortos, as mulheres palestinas se tornam as únicas provedoras, protegendo seus filhos e lares.

Muitas mulheres palestinas se tornaram figuras proeminentes na sociedade. Alguns exemplos são: Dra. Hanan Mikhail Ashrawi (Professora da Birzeit University, principal negociadora de paz e membro do governo palestino), Dra. Vera Baboun (Professora da Universidade de Belém, primeira Prefeita de Belém), Dra. Khulood Duaybes (Embaixadora na Alemanha), Hind Khoury (Ministra encarregada dos Assuntos de Jerusalém e Embaixadora na França), Dra. May Kaileh (Ministra da Saúde), Kholoud Faqih (primeira Juíza da Sharia no Oriente Médio). Estes são apenas alguns exemplos de mulheres proeminentes da Palestina. No entanto, todas as mulheres da Palestina contribuem para a sociedade e juntas, constroem uma comunidade humana progressista de mente aberta.

Embora as mulheres palestinas tenham desempenhado um papel influente na sociedade, ainda há espaço para melhores condições. Deve haver uma maior aplicação dos direitos humanos e proteção para as mulheres, como afirma o Direito Internacional na Convenção de 1979 sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (CEDAW). Há uma necessidade constante de aprimoramento das leis sociais e pessoais palestinas, bem como de aumento da cota de mulheres que participam nas tomadas de decisão.

Uma área que ainda precisa de mais progresso para as mulheres é nas instituições religiosas. Recentemente, algumas igrejas Protestantes progrediram em questões de gênero, como a ordenação de Sally Azar como a primeira Pastora palestina na Palestina.

F) Educação

Os palestinos valorizam muito a educação, com 95,4% das crianças matriculadas na educação básica. A educação tornou-se ainda mais importante depois que os palestinos se tornaram refugiados em 1948. Os palestinos não podiam levar nenhum de seus bens materiais para o exterior, mas, com sua educação, podiam encontrar trabalho e educar outras pessoas.

Existem três sistemas diferentes de educação para os palestinos: escolas israelenses, palestinas e da UNRWA. Dentro dos sistemas israelense e palestino, existem escolas públicas e privadas. As escolas particulares são em sua maioria administradas por instituições religiosas. Essas escolas particulares administradas pelas igrejas cristãs atendem crianças de todas as religiões da comunidade. Tradicionalmente, a maioria das escolas separava meninos e meninas, mas, mais recentemente, as escolas se integraram. As escolas administradas pela UNRWA estão localizadas nos 19 campos de refugiados palestinos.

G) Saúde

Os serviços de saúde variam de uma área para outra na Palestina. Em geral, os hospitais da Palestina estão bem equipados com médicos e enfermeiros profissionais. As crianças nas escolas aprendem limpeza e habilidades básicas de saúde e nutrição para garantir uma mente saudável em um corpo saudável. Alguns hospitais privados estão sob supervisão da Igreja, mas estão abertos a todos os palestinos, independentemente da tradição religiosa. Isso fortalece o relacionamento entre os membros da comunidade.

No entanto, o sistema de saúde palestino sofre com a falta de suporte financeiro para administração e custos operacionais. Além disso, as restrições de movimento dificultam o acesso dos palestinos aos cuidados de saúde. Muitas vezes é difícil para os palestinos obter permissão para viajar para tratamento. Ainda há muito o que fazer para garantir saúde de qualidade para todos.

Quando a pandemia do COVID-19 atingiu a Palestina em 2020, o governo palestino estabeleceu toques de recolher e bloqueios, que foram respeitados por todos na Palestina. Isso ajudou a manter o número de casos baixo. Quando as vacinas se tornaram disponíveis em Israel, elas não estavam prontamente disponíveis para os palestinos. A Ministra da Saúde, Dra. May Kaileh, teve uma tarefa extremamente difícil durante a pandemia de COVID-19. Ela fez um trabalho exemplar, garantindo serviços hospitalares, obtendo acesso a vacinas e garantindo remédios e equipamentos de saúde para Gaza.

H) **Água**

A água é a questão mais crucial na Palestina, assim como no Oriente Médio e em todo o mundo. Com a crise climática, a água ficou escassa, e as pessoas estão cientes dos perigos, principalmente com a falta de chuva. Os aquíferos mais importantes estão na Cisjordânia, na Palestina, mas estão localizados na área C, que é controlada por Israel. Apesar dos aquíferos estarem localizados na Palestina, os palestinos têm que comprar água de Israel. Os assentamentos israelenses ilegais na Cisjordânia e em Jerusalém Oriental usam quatro vezes mais água para piscinas e irrigação de luxo.

I) **O Dia Mundial de Oração na Palestina**

O movimento internacional do Dia Mundial de Oração chegou à Palestina na década de 1950. Algumas das mulheres que trouxeram o movimento para a Palestina eram esposas de clérigos de várias denominações. Eles começaram a orar na sede da YWCA (Associação Cristã de Mulheres Jovens) e nas igrejas Protestantes em Jerusalém, Ramallah, Nablus e na área de Belém.

Aida Haddad, esposa do primeiro Bispo Luterano local (Daoud Haddad), se envolveu no movimento. Ela começou participando como uma jovem leitora em Cultos de Adoração e, eventualmente, ascendeu ao cargo de Coordenadora do Dia Mundial de

Oração. Em 1993, Aida Haddad foi a primeira mulher palestina a ser eleita para servir no Comitê Executivo do Dia Mundial de Oração. Ela cumpriu dois mandatos de 1993-2003. Esta representação a nível internacional continuou com a eleição de Laila Carmi (Católica Romana), que serviu de 2003-2013. Na sequência, Nora Carmi (Armênia Apostólica) foi eleita para o Comitê Executivo e serviu de 2013-2022.

A Palestina foi escolhida para escrever o Culto de Adoração em 1994, com o tema “Venha, Veja e Aja”. Líderes da Igreja em Jerusalém foram contatadas pelo Comitê Nacional do Dia Mundial de Oração. Em 1991, foram nomeadas representantes das Igrejas Católica Romana, Ortodoxa, Armênia, Melquita, Luterana e Anglicana para formar o comitê de redação. Com a ajuda de teólogos e consultores locais e internacionais, o tema evoluiu para um culto de adoração. Mulheres palestinas com experiência em educação e serviços médicos e sociais ajudaram a escrever as orações, pedindo “oração com informação” e “ação com oração”. O culto de adoração causou alguma controvérsia porque conectou o sofrimento de Jesus com o do povo palestino sob ocupação. Apesar dessa controvérsia, a realidade da vida dos palestinos foi destacada, e o mundo inteiro se uniu à Palestina por meio de “oração com informação” e “ação com oração”.

O envolvimento da Palestina com o movimento do Dia Mundial de Oração permitiu que as mulheres palestinas construíssem pontes com mais de 100 países ao redor do mundo. Isso fortaleceu a presença e o testemunho no Oriente Médio. Após trinta anos, a Palestina foi novamente convidada a escrever os materiais de referência para 2024. Este convite vem em um momento desafiador, quando a injustiça contínua não parou. É um momento de reflexão, de auto-análise e de viver aquilo em que acreditamos. O caminho é longo, mas as mulheres palestinas continuam servindo de instrumentos para um melhor e mais profundo entendimento entre os povos que compartilham esta terra, confiando e esperando na humanidade um do outro.

J) Sinais de esperança

Apesar de todo o sofrimento e injustiça na Terra Santa, os palestinos mantiveram seu *sumud* (firmeza) por meio de resistência, principalmente não violenta. Há um esforço genuíno entre cristãos palestinos, muçulmanos e alguns judeus, que acreditam na igualdade de direitos e que defendem e trabalham pela justiça. Esta colaboração envolve um testemunho fundamentado em cada tradição de fé, mas também uma pertença mais profunda à terra e à cultura. É encorajador que ainda existam alguns israelenses de diferentes religiões, que se recusam a se conectar com as políticas opressivas do estado e que se recusam a servir no exército. Alguns exemplos incluem o Círculo de Pais – Fórum de Famílias (PCFF) e a Voz Judaica pela Paz (JVP).

Outro sinal de esperança é o apoio que os palestinos receberam quando a jornalista americana-palestina Shireen Abu Akleh foi morta. Essa manifestação de solidariedade foi animadora, mostrando que seres humanos com valores morais se preocupam com o

futuro de todos os habitantes da terra, principalmente dos jovens que são os futuros líderes.

Pedimos a vocês, irmãs e irmãos de todas as partes do mundo, para nos suportarem em amor. Pedimos que unam suas orações às nossas, por uma solução justa e pacífica que ponha fim ao sofrimento humano. Convidamos você a ser solidário conosco para alcançar segurança e paz para todas as pessoas ao redor do mundo.

Fontes recomendadas

Al Jazeera: Palestine, aljazeera.com/where/palestine/.

Burge, Gary. “The Course of Christian Zionism.” *Christianity Today*, June 26, 2012. <https://www.christianitytoday.com/ct/2012/juneweb-only/mainline-christian-zionism.html>.

Khoury, Rafiq, and Rainer Zimmer-Winkel, editors. *Christian Theology in the Palestinian Context*. Berlin: AphorismA, 2019.

Prior, Michael. *Zionism and the State of Israel: A Moral Inquiry, 1st Edition*. Routledge, 2014.

United Nations Information System on the Question of Palestine (UNISPAL), un.org/unispal/.

Copyright © 2022 Dia Mundial de Oração International Committee, Inc.

“**Suplico-vos... Suportai-vos uns aos outros em amor**” foi preparado pelo Comitê do Dia Mundial de Oração da Palestina para o culto de adoração e atividades educacionais para a celebração anual do Dia Mundial de Oração (DMO) de 2024. Os materiais do DMO são desenvolvidos para uso exclusivo dos programas do DMO organizados por comitês nacionais ou locais e suas organizações parceiras. Para qualquer outro uso, os materiais do Pacote de Recursos DMO 2024 não podem ser reproduzidos sem a permissão do Comitê Internacional do Dia Mundial de Oração (WDPIC).

Direitos limitados de reprodução concedidos—estudo bíblico, culto de adoração, informações do país, programa infantil, arte e declaração do artista, músicas e fotos compostas pelo DMO podem ser reproduzidas—impresas ou eletronicamente—para atividades do DMO com congregações e grupos, se for dado o devido crédito. Os comitês nacionais/regionais do DMO têm permissão para revender reproduções dos recursos para fins do programa DMO.

Somente os comitês nacionais/regionais do DMO conectados ao WDPIC podem disponibilizar o pacote de recursos ou seções dos materiais online. Os comitês que disponibilizam materiais online devem garantir que os grupos e indivíduos que acessam os materiais online sejam responsáveis perante o comitê.

As músicas sugeridas para o culto de adoração e programa infantil incluem informações de direitos autorais dos editores. A permissão para reproduzir ou traduzir as músicas deve ser obtida dos editores. O WDPIIC apenas dá permissão para reproduzir ou traduzir as músicas originalmente compostas para os programas do DMO.

Quaisquer ofertas ou fundos arrecadados relacionados às atividades do DMO devem ser relatados aos comitês do DMO.

As citações das escrituras são da Nova Versão Padrão Revisada da Bíblia, copyright © 1989 da Divisão de Educação Cristã do Conselho Nacional de Igrejas de Cristo nos EUA e são usadas com permissão. Todos os direitos reservados.

Para maiores informações, por favor contatar:

World Day of Prayer International Committee
475 Riverside Drive Room 729
New York, NY. 10115. USA
admin@worlddayofprayer.net - <http://worlddayofprayer.net>